

# O convite da Broadway

GERALD THOMAS  
de Nova York

O convite pra dirigir uma peça na Broadway veio, fulminante, pelo telefone. Mal pude me recuperar do choque, toca o telefone de novo. Era um repórter de um jornalzinho de esquerda, insuportável, com a mais óbvia das perguntas: "Aceitar esse convite não significa trair os seus princípios experimentalistas?". Desliguei na cara do sujeito. Pronto, ele teve a resposta "experimental" que queria. Acho que ainda berrei um palavrão, nem lembro, e voltei ao que interessava: o convite. Seria verdade? Como? Como pensaram em mim? Quem pensou? Por que eu? É engraçado como o susto traz uma mistura de baixa estima com euforia. Será que eu sou capaz? O que eles querem?

Um dia antes, eu havia caminhado algumas horas por Manhattan, tentando prever o futuro, pensando em tudo aquilo que eu queria ser e não sou, olhando as centenas de etnias que praticam aqui diariamente, sem trégua, suas odes à sobrevivência. Parando nas esquinas da Avenida das Américas, eu olhava para os brasões dos países latino-americanos, pendurados nos postes e enfileirados por ordem geográfica, e via seus cidadãos lutando por um lugar nas calçadas, como carregadores, camelôs, ou tocando suas flautas andinas e passando o sombreiro.

Não são exercícios voyeurísticos essas caminhadas, pois não estou isento do que vejo. Estou bem no meio do discurso dessa Babel, tão confuso quanto ele. Certa hora, parei suado debaixo da placa brasileira, olhei os detalhes heróicos e, com os olhos embaçados, fiquei pasmo ali

plantado, olhando aquelas letras, B-r-a-s-i-l, e anotei: "que vontade de te amar, sem a obrigação de te comer, ou de te camuflar, mas querendo te engolir e ser engolido por você, e acabar deitado e abraçado a você e à sua poesia, sangrando e sorrindo como é do teu estilo, num meio fio qualquer do Primeiro Mundo".

Sempre imaginei, durante esses anos todos, com que cara eu ficaria caso recebesse um convite para dirigir na Broadway. Será que eu esnobaria o convite ou cairia de joelhos perante o produtor e lhe beijaria os pés? Durante esses anos todos, preparei respostas, ensaiei caras, preparei discursos e até escrevi dedicatórias imaginárias.

"O que você tem vontade de encenar?", perguntava a voz no telefone. Acho que pela primeira vez na vida eu não soube o que responder. "Acho que vale a pena encenar algo sobre o voyeurismo nova-iorquino", eu disse, só pra encobrir o silêncio embaraçoso, tremendo da cabeça aos pés.

"Isso me parece interessante. Mas o que seria isso, voyeurismo?", perguntava, sorrindo, a voz do produtor. Antes que eu pudesse inventar alguma resposta marota, ele prosseguiu: "Vi seus trabalhos... Acho que você faria algo muito bonito e, se esse é o assunto que você escolheu, vamos ao trabalho!". No dia seguinte ao telefonema, como até hoje, me pergunto: o que eu gostaria de encenar?

O musical da Broadway, assim como o "action movie", é uma simples e exuberante homenagem aos valores que ergueram o aço e o concreto do novo mundo. Ele é uma constatação de força e de tamanho, inocente (até in-

fantil, às vezes), da cultura da ação sobre a arte inerte da Europa. O musical é a resposta americana ao classicismo europeu, escuro, trágico, sombrio, niilista. A Broadway exala vida, alegria, beleza, otimismo. Não se pretende profunda, mas se pretende honesta. Alcança a força de um épico por meio da frivolidade do "entertainment" e de provas constantes de que pode realizar o irrealizável, de que pode superar qualquer expectativa de grandeza.

Claro que, na pequena mente do repórterzinho da "nouveau-cinism", que me perguntou se eu trairia meus princípios, a arte que exala beleza deve ser execrada, pois não reflete a sua visão frustrada das coisas. É evidente que ele não reconhece, nos sinais secretos e embutidos dos musicais da Broadway, todo o mesmo ciclo de vida e morte que ele tanto venera na difícil arte de vanguarda.

É irônico, mas o musical da Broadway e o repórter fazem parte de um mesmo ciclo curioso, que começa com a exaltação dos valores românticos e moralistas do início do século e termina com o cinismo da crítica vazia, baseada em valor nenhum, uma colagem de pequenas tentativas, pequenos furtos estilísticos de épocas em que a crítica ainda tentava um diálogo honesto com a arte. Hoje, um ri do outro, torce contra o outro, não faz mais o menor sentido.

O musical é um épico. Devo esquecer a coisa do voyeurismo? Sim, acho que sim. A minha história está bem aqui, na Avenida das Américas, nessas calçadas e nessas placas.

Talvez ela comece no teatro La MaMa, quando, em 1982, Ellen Stewart, sem me conhecer, me

deu um abraço forte e disse: "Welcome home, kid". Ou começa quando minha mãe, ainda jovem, olhou pela janela de sua casa, em Berlim, e viu seus melhores amigos marchando com a juventude hitlerista pelo seu jardim adentro, gritando slogans antijudaicos. "É sobre a gente que eles estão berrando?", perguntou ela, atônita e medrosa, pra sua governanta inglesa, que a abraçou forte, em vez de responder à sua pergunta. Minha mãe desembarcou no Rio de Janeiro, mas sua família não teve a sorte de ter uma Avenida pras Américas.

Encenar o que nessa cidade já encenada? Um clássico qualquer? Uma adaptação de um filme de Jean Renoir? A ascensão e queda de Marcel Duchamp? A descoberta do Brasil? A história do capitalismo do ponto de vista de um lixeiro? Uma colagem dos melhores momentos, um "greatest hits" da dramaturgia moderna? Um Beckett sapateado? Não, acho que não. Será que há mesmo espaço pro que eu faço, na Broadway?

"Mas o que é isso que você faz?", pergunta Dudi, uma amiga. "Segue a tua intuição, como sempre", diz Haroldo Netto, meu guru. "A Broadway pode ser o lugar mais cruel do mundo", diz Philip Glass. "Não toma nenhuma decisão antes de conversarmos", ele me adverte. Mas o que pode ser mais perigoso do que o teatro experimental que faço há anos? O fato de a Broadway ter compromisso com o lucro? É triste dizer, mas o teatro experimental desenvolveu fetiche semelhante nesta última década. A "idéia" esta, mais que nunca, atrelada à venda.

O meu propósito aqui sempre foi o de sublinhar as gafes da história, o de mostrar a vastidão dos territórios deixados em branco entre uma "grande verdade" e outra. Será que os tem-

pos estão mudando pra melhor? Afinal, será que poderei usar o teatro comercial para demolir (com carinho e humor) os mesmos instrumentos que a história divide com o teatro (e que já foram os responsáveis por tantas mortes, massacres, extermínios), a palavra, a ação e a interpretação?

Isso não pode ser material pra Broadway. Ou pode? Quero gente rindo na platéia. Quero gente emocionada. Naquelas duas ho-

ras, quero ser uma montanha-russa e elevá-los ou diminuí-los como nunca. Se tivermos um acidente, paciência. Sempre acabarei no teatro. Muitas coisas começaram e acabaram nele. E, sangrando e sorrindo num meio-fio qualquer do Primeiro Mundo, vou ouvindo "Livro", de Caetano, que me ajuda a sobreviver.

E-mail: geraldthomas@uol.com.br